

Pálpebra Lilás

Falo muito mais de mim quando escrevo. Entre linhas horizontais, verticais, em tramas e escombros. O motivo? Não sei... Talvez a pretensão de anonimato perene.





Assim como tudo e mais ainda sobre tons de
pálpebras, nada sei, nada quero dizer em especial, não
sei se faço poesia ou falácia, só sei eu que despejo
tudo nessas palavras, sem restrições de tempo, hora
e momento. Há em mim alguém o qual desconheço,
esse deve ser um tanto poeta de gaveta, um tanto
filósofo de esquina. Ah! e de calçadas também.
Entrego-me ao meu avesso!

Janela lilás

Adoro ver a posição das estrelas no céu, da lua também. Mesmo quando tudo está cinza, abrem-se brechas no céu... Sentar-se nessa cadeira velha, sem importar-se com o ranger que ela traz. Debruço-me a escrever essas palavras brancas e brandas, por vezes ácidas, é o que gosto de fazer. Sem temer as vicissitudes do dia a dia. Meus olhos? Esses às vezes mostram gana, mas é passageira. Apaixonado por pálpebras. Percebam quando elas se fecham... Ainda não sei porque, mas adoro quando chove... Sentir essas gotas espessas que gelam minhas costas. Em qualquer ocasião prefiro abdicar dos guarda-chuvas. Sempre é assim. Tenho corpo franzino e dedos finos. Ainda adoro dar rosas, brancas ou vermelhas. Alguns hábitos ditos vitorianos ainda chamam minha atenção. Prefiro cinema com vinho tinto, dispenso a pipoca. Aprecio telas de arte, mesmo sem saber o que algumas representam. Não importa. A essência esta na estética o resto é simbolismo.

Prefiro as cores tênues, essas que não ressaltam nos olhos. Ainda pinto a calçada com giz de pedra e ando na grama de pés descalços. Era assim nos tempos joviais. Continua sendo. Gosto de canções que não tocam nas rádios. Coleciono discos de vinil, até tenho alguns na parede branca. Não suporto o pó que se encosta. Prefiro preto e branco. Não tenho apreço por multicores. Ah! Ainda pretendo subir no prédio mais alto... Erguer bem os braços e ficar lá algumas horas, de preferência sozinho. Quem sabe com a companhia ideal. Adorava ficar próximo aos trilhos do trem, ele passava de uma em uma hora. Contava os vagões. Passavam tão rápido. Tinha toda certeza que voaria sem asas. Ainda tenho. Ficar estático durante três minutos por dia é essencial, mesmo nos dias mais improváveis. Sempre carrego cravos no bolso da calça. Que seja uma confissão. Quando escrevo a mão livre, prefiro o lápis. A modéstia tem sido um defeito. Às vezes dois olhos é pouco. Nunca deixo de ouvir a canção que mais gosto por três ou até quatro vezes.

Ampulheta de pedra

Desde o último dia do ano de 1989 aquele garoto de olhos castanhos fogo, cabelos e braços soltos, assim ao vento...Fez um coração no braço esquerdo, ficou como um selo, herança de uma garota que vestia negro, ambos vestiam. De cabeça baixa, lábios carnudos, usava sapatos de couro, tinha corpo franzino. É certo que não dava importância às reuniões de família, só em caso extremo, tinha bom relacionamento com os pais, embora às vezes passasse despercebido por todos, desleixado? Talvez... Enquadrar-se a padrões do senso comum sempre parecia ser algo difícil. Não o fazia. Tinha sorriso tímido. Descrevê-lo é algo complicado, minucioso. Guardava folhas secas em uma agenda lilás. Todas de uma árvore ao fundo de uma casa com tijolos a vista. A casa era vazia, noutro lado da cidade, ninguém ia até lá, apenas Léo, o nome que lhe foi dado em homenagem a um tio já falecido. As anotações eram feitas a lápis. Léo tinha os olhos sedentos. Um hábito estranho de sentar-se ao meio-fio. Perceber o movimento retilíneo das formigas gigantes. Adorava dias de chuva, mas abominava o guarda-chuva

A janela do seu quarto dava para o céu. Fato esse que lhe proporcionava aventurar-se com as cores da palheta escondida debaixo da cama. Ensaios noturnos. Madrugadas adentro. Demorou um bom tempo para tomar essa atitude. Suas decisões costumavam ser lentas, arrastadas. Fazia orações todas as noites. Certo dia resolveu dar vida às tintas deixadas pelo seu vovô Nicolau, um senhor distinto que viveu longos noventa e oito anos, todos dedicados a ensinar a arte. O interesse mesmo que tardio abraçou-o. Estava ali incrustado. Com vazão repentina liberou-o como a um pássaro. Aliada as canções e livros, tomavam seu tempo. Tentava preenchê-lo. Sentia extrema dificuldade em desfazer-se de adereços antigos. Sentia falta de alguém especial a qual conheceu naquele último dia do ano, casualmente. Foram acometidos por olhares de canto em uma livraria central. Ali pesquisando novos títulos, percebeu escritas nas mãos. Léo sorri discretamente : Nossa! Faz poesias nas mãos? Abre as mãos, posso vê-las?

Desde então se tornaram inseparáveis. Quando juntos, como se fosse combinado, ambos traziam cravos nos bolsos e papéis de seda. Ela, uma garota com nome de Beatriz, mas seu nome de batismo era Anna, tentava incessantemente fugir das determinações paternas. De tom carvão debaixo dos olhos, as unhas curtas, sem cor, cabelos avermelhados e de olhar penetrante, não gostava de andar de mãos dadas. Adorava subir em cima de edifícios altos, estendendo os braços tentava pegar nuvens. Timidez velada. Ouvir canções doces parecia ser o grande programa. Gastar o tempo de forma a não percebê-lo ficava claro que essa era a intenção. Abrochavam-se afinidades. Encontros confidenciais na praça da cidade, sem hora marcada. Sempre no mesmo banco de madeira. Quantas confissões foram ditas ali? Todas ao pé do ouvido, com vozes finas e sutis. Não existia mais o tempo. Não esse tempo que todos conhecem e a todos consome. Apenas as mudanças do céu e das nuvens eram notadamente percebidas

O tempo agora emboscado

Transcendências plantaram algumas flores naquele jardim, rosas vermelhas, às vezes brancas. Algumas marcelas do campo. Pular os vagões de um trem abandonado em dias de sol. Ali também trocavam postais da época vitoriana. Vinho tinto às cinco horas da manhã. Alguns hábitos tornaram-se insubstituíveis. Dessa maneira simples e tênue o tempo para Léo e Beatriz não existiu. Foram três estações primaveris e um intenso inverno juntos. Tudo teve seu fim em um certo dia solar, quando desabrochou um pedaço de céu que já não era mais cinza, e assim o sol mostrou um de seus olhos. Tudo existiu, mesmo não existindo.

Primeiro de Maio

Andar, andar, e apenas andar-me sem nada, no vazio das horas... Flores na porta dos sonhos, sem cores! Molduras ofuscadas, vivenciadas. Vidas, amores... Desliza sobre o ventre da noite Miudezas de um dia cáustico Na simetria da aurora rachada Embalo-me sou sonho senil... Dessa quimera translúcida, o porvir afoga! Os campos, esses fartos de grãos. Ensejos, bocejos, seria delírio matinal? Que seja.



A Borboleta Azulada

Porque essa inclinação em ficar te enchendo de confissões minhas? Acredito em suas palavras. Confio em você. Gosta da garota de pele alva. Olhar sinuoso. Cabelos vermelhos. Unhas negras. Anda com poesia nos olhos. Senta-se no banco da praça mais deserta, debaixo da árvore mais velha, sob a sombra mais intensa. Depois da chuva forte, bate o sino da igreja, vazia, as seis horas. Caminha através de pessoas que não vê. Detêm-se a pequenos detalhes de sombra e luz. Passa por ela mais uma vez a borboleta que vive já há cinco dias. Bate as asas azuladas. Brilham. O tom do céu muda com as horas. Carrega na bolsa de couro desbotado o livro predileto. Na pagina trinta e sete tem a poesia que mais gosta. Rilke. Solta-se. De impulso derradeiro capta olhares das nuvens. Agora límpidas. Aprecia figuras de anjos medievais. Direciona-se e debruça sobre o banco de madeira o corpo franzino. Braços abertos. Olhos de ferrugem. Aquele olhar de cera que atravessa o sol. Só a solidão ausenta-se.

Noite branca

Quisera eu ter aquele tamanho, os braços eram longos e reforçados, não tinha apreensão nos olhos, esses eram vultuosos e sagazes. Guilherme não tinha mais cabelos longos como antes, mesmo trabalhando de sol a sol, suas mãos ainda pareciam macias e firmes. Esticava o corpo todas as manhãs na varanda da casa. Não era desses garotos que cultuam o corpo, nem precisava... Morava com os tios, tinha cumplicidade com a tia de nome Vilma, dava-lhe todo carinho que nunca teve dos pais. Fato esse que tentava deixar passar despercebido, mas seus olhares tristes eram denunciadores. Tentava desesperadamente esconder-se atrás de certa arrogância e impessoalidade. Parecia ter poucos amigos. Muito poucos. Talvez não por opção, quem sabe? O lugar sagrado eram as quatro paredes brancas daquele quarto frio. Cheio de adereços em cristais e gesso, cuidadosamente lustrados. Era cuidadoso.

Excêntrico às vezes. O fato de nunca abrir as janelas deixava um mau cheiro, nem as cortinas pareciam serem estendidas, algumas frestas de luz adentravam por espaços da entrada que dava para um sótão, escuro e gelado. Poucas vezes subia ali... Mantinha coleções de álbuns de vinil, alguns nunca ouvidos, os preferidos estavam na parede, olhava como se olha alguém se quer...Ao lado a coleção de borboletas azuis, a qual trazia desde a infância, recordação do pai falecido. Tentava recompor as asas destruídas pelo tempo, assim como fazia com sua mãe, durante longas noites. O retrato em cima da cama trazia uma mulher austera, com grande vivência.Sumiu em um dia de chuva sem deixar vestígios. Não levou nada, apenas a roupa do corpo. Estranheza total. Guilherme mantinha um saudosismo ácido.Como quem só olha de dentro para fora, assim via tudo se delinear em sua frente, pequenos formatos tomavam proporções enormes.

Quem me dera desvendar o que aquele garoto trazia no peito, o que fazia seus olhos brilharem por tão pouco, pareciam tênues seus momentos de felicidade. Deveriam ser... É isso! Guilherme só olhava de dentro para fora tudo partia de uma sensibilidade frágil e extrema. Não era percebida assim, por olhos nus. Poucos a percebiam. Mesmo assim aqueles olhos sempre pareciam cerrados, olhares tímidos e sorrisos amenos. Timidez? Talvez...Tinha as mãos geladas. Sempre mudando de lugar os móveis do quarto. Nada ficava fora do lugar. Só pessoas especiais também podiam ocupar aquele espaço. Transformara aquele ambiente em algo intransponível. Único e passível de seus devaneios. Alguns segredos deveriam estar contidos ali? Brigava com Bruno o primo mais novo, por sempre estar espiando pela fresta da porta, às vezes em um descuido deixava entreaberta.

Trabalhava com tio em oficina mecânica, dava duro sem reclamar. Aos vinte e dois anos tinha acabado o colegial, mas ainda não tinha dado um rumo na vida, muitas indecisões assolavam seus pensamentos, esse era um dos grandes motivos para ser diariamente atormentado pelo tio. Homem de poucos sorrisos. Matuto e exigente, sempre dava tarefas difíceis a Guilherme algumas embora normais, para Guilherme pareciam definitivamente impossíveis de serem cumpridas. Mas sempre fazia o possível para servi-lo. Mesmo contrariado dava tudo de si, era assim em tudo o que se propunha a fazer. Ir até o mercado era uma dessas tarefas difíceis, não gostava de cruzar as avenidas, preferia as vielas e ruas estreitas, certo que ali haveria pouco movimento. Alguns olhavam com certo espanto, porque aquele garoto chamava-lhes atenção? Não pela estética, talvez transpassasse uma certa inquietude que era disseminada por onde era visto, por onde passava. Afinal em cidades pequenas todos deveriam se conhecer e assim se dar bem.

Mas isso não acontecia. Talvez aquele jeito era seu e de mais ninguém. Apenas seu jeito de ser. Andar descalço na grama gelada. Debaixo do cipreste amarelo encostar os braços, estender as pernas e roer as unhas. Usava camisetas com pétalas bordadas. Os finais de semanas eram dedicados a falar de amenidades para si mesmo. Coisas simples para muitos, para Guilherme tinham dimensões extremas. Noites que pareciam cinzas, a seus olhos eram brancas. Era particular e privado seu mundo. Pequeno grande mundo.





Vem, deita seu dorso sobre o meu... Curvando-te a mim os lábios rosados Assim como vergam as árvores Amedrontadas pela ventania medonha Despeja-me olhares Como quem cava jóia rara Arroba-me o peito Filtra (me)? Transita em mim Como pássaros que dormem em nuvens azuis Depois, muito depois, como navio em fuga! Partes e deixa-me a deriva...

A Janela e a Persiana

Do alto daquela janela é possível perceber os transeuntes que passam na avenida movimentada, acometidos pelo tempo e hora, a pontualidade que a todos consome é nítida como as nuvens cinza que circundam o céu rebuscado. Daquela janela ainda restam resquícios de pingos de chuva, que passou logo pela manhã, com pó acumulado do lado de fora, borrou o vidro. Deixou o clima frio e aconchegante, aqueceu seus pés com meia e sapato descolorido. Esse clima tardiamente invernal traz consigo sutilezas, apegos e liberdade assistida. A Insistente ideia de “nadar contra a maré” não foi abandonada, apenas repensada, trilhar novos caminhos não significa necessariamente abandonar os já trilhados, o suor têm seu preço e a recompensa é duradoura. Recuar alguns passos para futuramente andar vários adiante, pode ser uma lógica. Seus olhos estão direcionados para a subjetividade, a concretude pode ser pura utopia, ou não, o caminho a percorrer é a meta.

A relação com seus pares, em determinados momentos torna-se difusa, sempre foi, sempre será, talvez esse não seja o aspecto a ser ressaltado, mas sim sua absorção e relação com o meio. Alguns padrões nasceram prontos, outros devem ser relativizados. A janela angular tem extrema proximidade com aquela persiana que cobre seus olhos em dias e noites de apreciação, o ato de afrontá-la, para assim poder vislumbrar um mundo de possibilidades, com suas mesmices, fugas e audácia, proporciona a recusa em optar apenas por meios lícitos com os quais a maioria pensa e sonha em seguir, tudo não passa de uma opção barata. “A verdadeira” opção cerca-se de abstração do meio, improvável para muitos, opção para poucos, esse limiar é cinza e azul, como os dias que se observa por detrás daquela persiana, a janela é apenas o ponto de partida, à ação é o impulso dos olhos, o que captar? Por quê? Abstrair-se ou não? As respostas estão na retina dos olhos, na racionalização de si mesmo, tarefa árdua e complexa.

Naquele dia, racionalizou e apenas decidiu mudar o ângulo de visão, abrir a persiana e apenas perceber se ainda escorrem pingos de chuva na janela.



A chuva fina e silenciosa veio de repente fiquei todo molhado, foi proposital. Adorei. Ela ainda escorre pelo vão da janela e faz um barulho de "Jazz" batendo na calha. Ela, a chuva.



A especulação imobiliária não extinguiu apenas a visão ampla da minha casa, mas esta tomando toda a visão do belo a olho nu...

A garota das maçãs colhidas na chuva

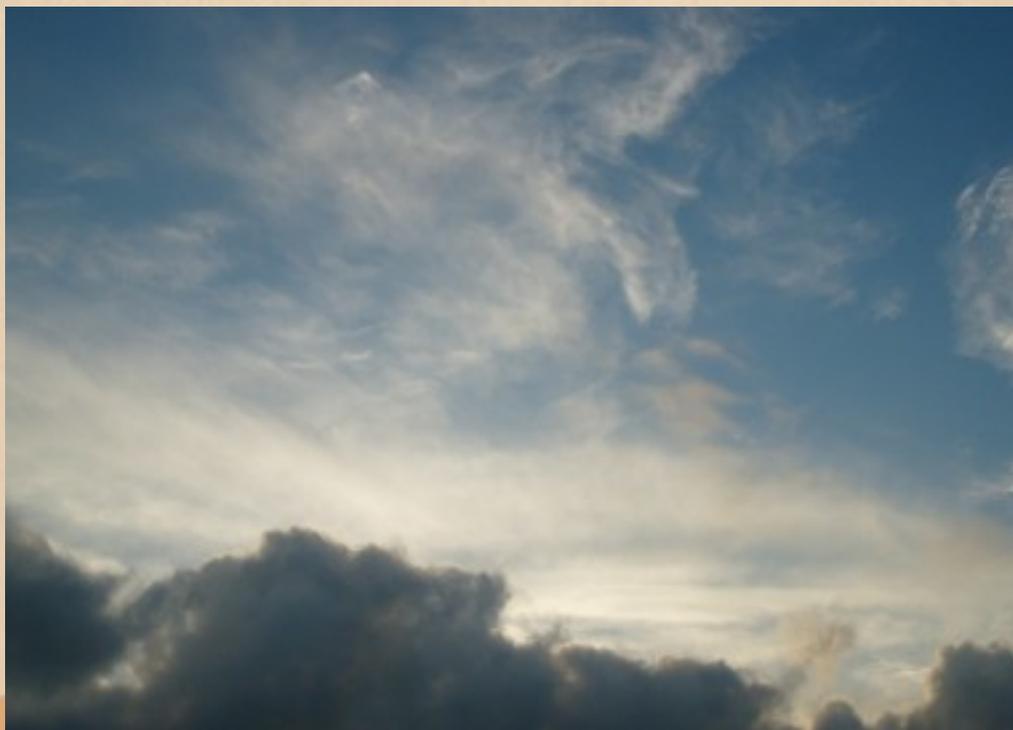
Sinto pulsar aqui o desejo secreto de um sonho guardado e um beijo roubado... As paredes brancas, pés descalços, o dia nasce sem lamúrias, no espelho pasmo. Pergunta sem resposta, será que ela vem? Nada me aflige, a não ser o próximo sonho, que nasce regado a fantasias e devaneios, com brilho intenso de cor amarela. A sensação da manhã terna me toma, aroma das flores, visto brilho e cores, sem medo sem dores, por onde anda aquela garota das manhãs angelicais, que adentra a minha alma com carícias matinais, ah! Deve estar por vir... Saberá ela que nessa manhã faço plena questão em existir? Em esperar... A canção doce se encosta e grava-se no âmago, delira coração febril, onde está? A garota das maçãs colhidas na chuva prometeu me visitar, toda de branco com flores azuis, ela também contempla a manhã, seus anseios prometeu me confessar, a espero chegar, por onde andas? Será com cestos de vime na esquina a espreitar?

Nessa hora sinto o vácuo da solidão, o sol já brilha radiante, enfim avisto a silhueta da garota na janela, me tomo todo de emoções, as mãos tremem, o corpo inclina, os lábios sedentos, o coração palpita em descompasso, um dia a vi assim, vinha como um anjo, lírico, tènue, também da janela, mas era sonho, agora do sonho acordo e a vejo pura, real diante de mim, não necessito de palavras, só olhares e preces para que um dia a garota das maçãs colhidas na chuva volte, e de olhares inunde meu peito, até dizer, vim e quero ficar. Seria a concretização da manhã mais bela, a vendo correr através do jardim dos sonhos por sobre a grama verde, cruzando a esquina, com o ramo das flores azuis que lhe dei, de braços abertos a suspirar, pelo beijo inebriante com gosto da maçã colhida ao pé da árvore chamada vida, de onde também traz toda luz divina, que sempre via em sua aura ao cruzar todos os dias tal esquina... Após tantas tormentas a manhã perfeita nos arrasta por dentre o sonho realizado.

A montanha mágica

Caminhar pelo vão da tarde lacunar sem motivos de partida ou chegada, apenas caminhar... Obstinação dolorosa em vislumbrar o fim da tarde. Adentra ao cilífero inebriante, a veracidade sonhadora a qual jamais pensou em deixar. Os caminhos são tortuosos e íngremes como os sonhos que lhe acompanhavam, olhos avistam a distância, a grama verde e macia como face nunca tocada. Os pés já em ardência; o fim da tarde traz consigo a visão onírica de uma montanha mágica cercada por ciprestes e sombras a enfeitar a visão daquele caminhar. O astro lunar clareia o pulsar, imaginar. Seu sonhar. Segue apenas a desfrutar por dentre a montanha mágica que esconde em si os segredos de todas suas dores, o ardor da descoberta é latente como uma rosa cor de sangue a cotejar. As mãos tremiam, como se tocadas por anjos incandescentes, todos a festejar a vinda de mais um ser quimérico em busca das revelações até então escondidas.

Ecos de canções em lamúria e felicidade se espalhavam, criando uma atmosfera dispersa, ater-se ao semblante majestoso da figura onipotente diante ao santuário da dor que trazia em si, a cura para âmagos feridos, estende-se pela relva fria, em seu corpo e alma, o milagre da solidão. Visão transcendente diante da noite de desejos realizados, dores sepultadas e amores reavivados. Tudo durante o caminhar até a montanha mágica que sempre existira em si. Sobes até a montanha mágica de sua imaginação e sente o desejo realizado, pulsando em ti como um coração em desatino..



Afeição ociosa

A aplicabilidade em relação às ditas práticas humanas e suas relações, seja de conduta ética, moral ou afetiva se mostram inaplicáveis, a partir da complexidade que nos cerca. Haja vista a cobrança desenfreada em uma sociedade dita pós-moderna, capitalista e insana, a qual além de condenar o “ócio produtivo”, sim, o ócio pode ser relativizado e visto através de outro ângulo, pois toda produção não apenas mecanizada deve partir, antes de tudo, da produção de ideias prévias, ou seja, através da busca de conhecimento, desde que haja tempo hábil para tal processo, e que esse seja visto como virtude, a busca da criação. Criemos então “mundos paralelos” e utópicos de conduta, sejamos felizes e amorosos em um mundo contemporâneo de sonhos e devaneios. Um mundo particular, onde a degradação de valores não exista, assim como as imposições de hiper consumo, hipocrisia e trabalho sem vida social/cultural não nos caberá nunca mais. Assim como a arte e o amor, a “ociosidade produtiva” salva!

Adepto a solidão noturna

A lágrima radiante cai dos olhos cor de sangue

O modo de ficar e estar só são dolorosamente
eternizados

Para ser profundo preciso das palavras que me
acompanham

Madrugada adentro

Então peço lembraste-vos de mim que tanto em ti
penso

Que o mundo não esconda o fundo do ser

Pois no mundo mais profundo há um mundo de
sonhos e devaneios

As veias pulsam em ausência

O luar escorre em meu pescoço

Tento vê-la e me deixo à toa

As místicas olheiras revelam procuras

Não tenho ainda o brilho do olhar

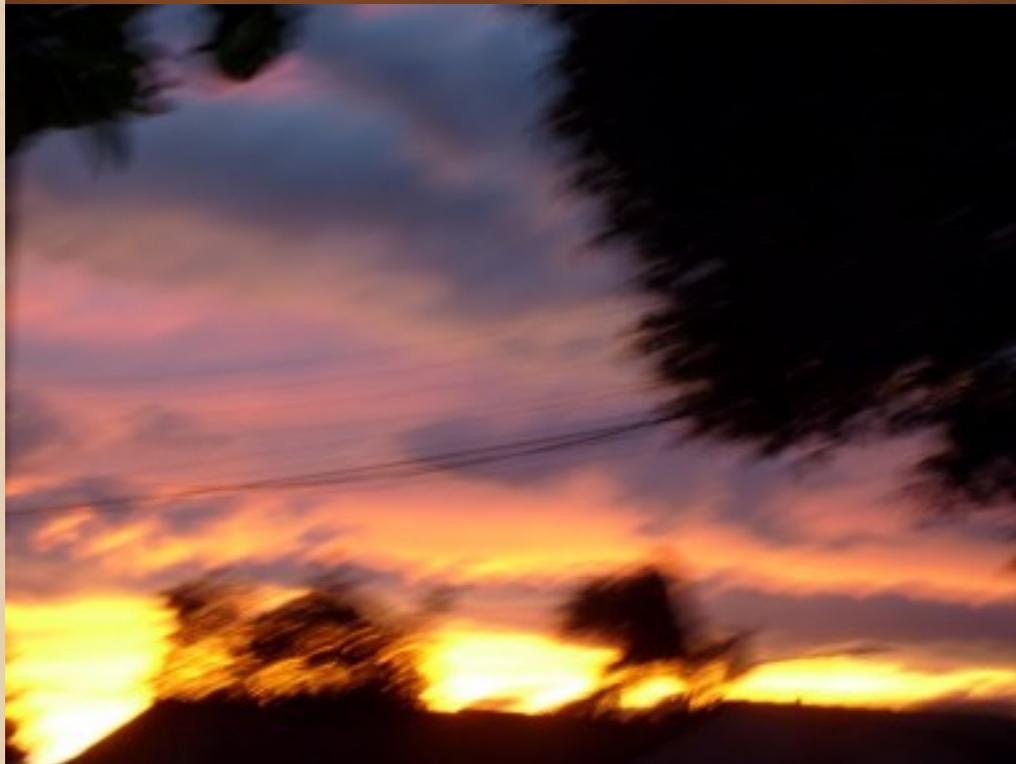
A que tanto sonho em plenas alturas
Que doçura e suavidade abriguem-se em mim
Como em um ébrio jardim
Repleto de flores primaveris
Com fragrância cósmica de jasmim



Aforismo (Opaco) Sobre a luz opaca das paredes
brancas Impregnado pelo silêncio que invade
Reina em mim um mundo de lembranças

A aplicabilidade em relação às ditas práticas humanas
e suas relações, seja de conduta ética, moral ou
afetiva se mostram inaplicáveis, a partir da
complexidade que nos cerca. Criemos então "mundos
paralelos" e utópicos de conduta, sejamos felizes e
amorosos em um mundo contemporâneo de sonhos e
devaneios. O amor salva!

..eu, ao sentar-se ali, ao seu lado, pensava, desejava implicitamente, a cada instante, que após a cada olhar de canto, teríamos juntas, ainda que por alguns segundos, as mãos entrelaçadas. O quão doce seria, ainda será... Eu desejava, eu desejo.



O "Amor" é naturalmente egoísta, porém, se posto que realmente seja amor, sem aspas ou reticências, e sim, puro em si, será paradoxalmente "altruísta".

Sim, eu sei, aliás, suponho que "todos" saibam disso, embora muitos cometam um grande erro, fugir desse "vazio". Dentro desses nossos dias de "vazio" há tanto para se ganhar, perder, esquecer... A busca por novos e repetidos momentos, estágios, sensações de dias ou de horas, quem sabe até de segundos, sim, pois imagino que em certos dias, tal "segundo" tem sido melhor que o dia todo. A busca é incessante, não há linearidade nesse plano, de momentos, sentimentos, sentidos, tudo enfim é passagem... Os dias nunca serão os mesmos, esse é o encanto, façamos dessa busca por dias, horas, minutos, segundos, um objetivo a ser seguido, com afinco, porém, devemos estar plenamente conscientes que não andar sozinho nessa busca é um grande impulso, e que nem sempre conseguimos mudar algo que é parte, ou por vezes, faz parte de nós. Estamos juntos.

Alguém

Gostaria tanto que alguém aqui estivesse, para de amenidades falarmos, sonhos programarmos, reais ou não, talvez passíveis de concretude futura... Só gostaria que alguém aqui estivesse. Para fazer o próximo minuto de minha provisória existência nesse plano mais feliz afastando assim a solidão que invade... Só gostaria que alguém aqui estivesse A noite adentra e a solidão aumenta, porque alguém aqui não estás? Talvez por medo de sofrer o maior mal que eu possa oferecer, amá-la só até a morte... Só gostaria que alguém aqui estivesse Mal de ser amada por minha alma já cansada, que alguém encontrará? Quem sabe...

Anjos medievais.

Anjos que se sentam sozinhos em pedra de mármore gelado. Da noite se fez dia, do dia se fez noite. Agora recolhem as asas após voo assombrado. Só os lábios denunciam... Desses olhares de cera que atravessam as paredes erguidas com braços de ferro. Só a solidão ausenta-se.



Amigos

Os grandes amigos não se fazem apenas de presença física, mas sim de entrega, de entrega em espírito alma. Todos são passíveis de erros. Alguns amigos são como geleiras, com o tempo e acometidos por um sol escaldante, derretem. Somem. São apenas amigos de gelo. Já alguns amigos, mesmo passíveis de erros, perduram, pois esse mesmo sol que os derrete, também os alimenta. Alimentando-nos juntos. O mundo sente falta de amigos na verdadeira acepção da palavra. Escolho meus amigos pela retina.

(...) Apenas depois da chuva. Abriram-se cortinas em tom rosa Aponta pela fresta um olho de sol
Desabrocham lábios em nuvens lilases Brilham no espelho meus cabelos de areia.

Estante de Marfim (Memórias de um dia)

É parece que ficar andando em ruas disformes em dias rubros se tornou uma constante, ainda sem café da manhã. Aquele gosto amargo, não nos lábios, no peito. Olhos fatigados, não pela noite translúcida, mas pelo semblante dessa que percorre os sonhos. Efêmeros. Ritual sagrado, como o toque para missa das seis horas, onde o pregador é o maior dos pecadores. Hipocrisia litúrgica. Ainda amparado por impossibilidades visionárias, tece poesias nas mãos. Abraça o vento. Os cravos no bolso esquerdo lembram alguém? Ela usava brilho negro sobre os olhos. Sutilmente. Depondo sensações em bloco, segura o coração a cada novo passo. Sobressaem os olhos em desconfiança. Agora as mãos precisam de novas mãos. Solidão. Medindo olhares de ferrugem. Paixão agora, só pelo sono noturno. Sempre espera que a noite chegue logo. Radiante. Os passos cotidianos invadem interiores, arrombam os sonhos, semeiam incertezas. O futuro se resume em conquistas momentâneas. Desapego. Amiga das distâncias.

Esses olhares azulados que se deparam sobre mim
são medidas de tempo, tem o tom das nuvens.
Naquela calçada borrada com giz de pedra, se esconde
o segredo dos dias. Caminhada. A passos largos, o sol
queima a retina dos olhos. Amores transitórios.
Promessas desfeitas. Aquele último beijo foi amargo,
gosto de rosa despedaçada. Queima a palma das mãos.
Esperava decididamente encontrá-la novamente
debaixo da sombra das árvores amarelas. Dessa vez
nada quebraria o encanto daquela manhã. Apesar dos
dias sempre serem cinza tudo tinha tons diversos. As
nuvens delineavam rachaduras nos céus. Ecos das
canções do inverno passado passavam.
Transbordavam. Não seria mais um dia de
reticências? Denunciadores eram aqueles olhos
verdes, como a grama de um jardim suspenso, lábios
trêmulos. Aperta as mãos sobre o peito.
Descompasso. Depois à volta para a casa de tijolos a
vista. Sinuosa. Só desejo imensamente que ela me
ligue em hora avulsa. Tudo se transforma. Do gelo se
faz fogo. Na morte a vida. Desses dias e ruas ainda
restam lembranças.